

MEMORIAL



DO MINISTÉRIO
PÚBLICO



Memorial
DO MINISTÉRIO PÚBLICO

**PRAÇA DA MATRIZ
VISTA PELOS
HISTORIADORES**



ACHYLLES PORTO ALEGRE (1848-1926) NO FINAL DO SÉCULO XIX

“Das festas mais queridas de antanho, era esta uma das mais queridas do povo. Os fogos do Espírito Santo efetuavam-se na antiga Praça da Matriz e eram esses que realmente davam a nota, e atraíram gente de toda a parte; dos subúrbios, das vilas próximas, das ilhas fronteiras, dos Morretes, da Volta Grande e de outros sítios próximos. (...). Era um festejo puramente popular, se bem que a Praça, nas noites de fogos, fosse concorrida pelas famílias do nosso escol social. (...) Construía-se o extenso barracão, os coretos e várias tendas para a venda de café, a três vinténs a xícara, pães, doces, gengibre, maduro e outros refrescos. Além disso a praça enchia-se à noite, de tabuleiros de frutas, de caixas envidraçadas de doces, de balaios e cestos de pinhões e amendoim torrado, de travessas de peixe frito, com rodela de cebolas, de bandejas de balas e de uma quantidade de outras quitandas - como a farinha de cachorro [1].

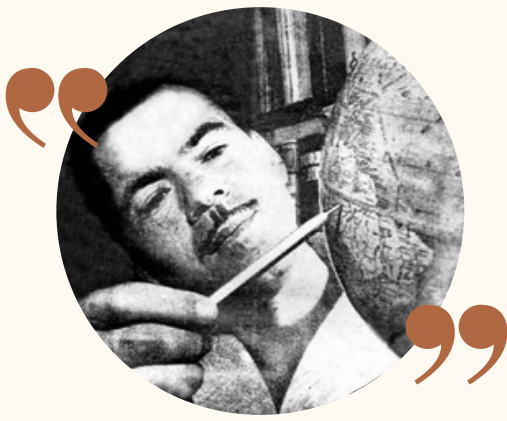
ACHYLLES PORTO ALEGRE (1848-1926) NO FINAL DO SÉCULO XIX

Ao tempo em que me reporto não havia luz elétrica, e a iluminação a gás nas ruas não tinha sido ainda inaugurada. Estas eram mal alumeadas, por grosseiros lampiões de querosene. Sem luz elétrica nem gás, a iluminação da praça, nestas noites festivas, era a giorno, é dizer, a lanternas venezianas, o que, em verdade, se não tinha o brilho feérico das iluminações de hoje. Apresentava, contudo, um aspecto mis suave e pitoresco. (...) Às vezes havia danças na Bailante ou no salão do Theatro São Pedro e entrava em cena. A Praça da Matriz enchia-se nessas saudosas noites. (...).

Quando às dez horas batia a primeira badalado do silêncio subia o primeiro foguete de assobio e após estourava a primeira bomba de dinamite e depois outra, e outro até a girândola de foguetes. Era o sinal que iam queimar-se os fogos. A pombinha é que punha fim à noitada, levando, por uma corda, o fogo celeste que acendia uma apoteose, que era sempre o grandioso remate da festa" (PORTO ALEGRE, 1940, p. 79-80).

PORTO ALEGRE, Achylles. **História Popular de Porto Alegre**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1940.

[1] Farinha que se obtém socando o amendoim em mistura com farinha de mandioca e açúcar.



ARY VEIGA SANHUDO EM 1963 (1915-1997)

“A Praça da Matriz era o Morro da Praia. Até o ano de 1752, quando aqui chegou Frei Faustino, essa hoje urbanizadíssima praça da cidade era um alto completamente desabitado e deveras perigoso. Naquela época, esse sacerdote ordenou que ali fosse o cemitério da povoação. Em julho de 1771, quando o Governador José Marcelino de Figueiredo começou as obras deste povoado, para transformá-lo na capital do Continente, removeu-se o campo santo e iniciou-se a construção da Matriz. Era a igreja de São Francisco dos Casais. Mas o Governador tinha-se como afilhado de Nossa Senhora, e após teimosas démarches, em janeiro do ano seguinte, substituiu o orago da catedral para Matriz Nossa Senhora da madre de Deus de Porto Alegre. Foi nessa ocasião que o lugar começou a se popularizar como Praça da Matriz. Oito anos depois, instalaram aí, como hoje ainda está, o Palácio do Governo, circunstância que levou alguns a denominar, vez por outra, este logradouro de Praça do Palácio.

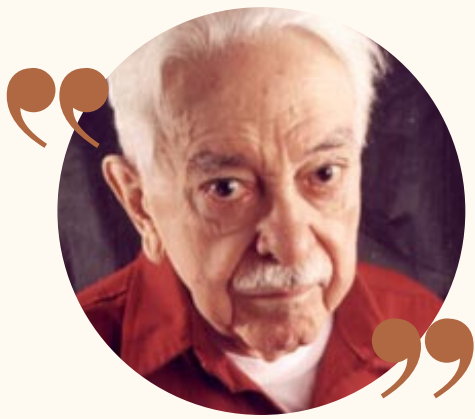
ARY VEIGA SANHUDO EM 1963
(1915-1997)

Mas o que vulgarizou definitiva e inapelavelmente lugar como Praça da Matriz foi a famosa e não menos saudosa Festa do Divino, que aí se realizava, anualmente, como o acontecimento mais belo e ansiado daqueles tempos. Em 2 de dezembro de 1845, dia do aniversário do Imperador, com a sua presença, pública e solenemente, aí nesse local sua majestade recebeu, em meio aos festejos, as chaves da sua “mui leal e valorosa cidade”, e a praça passou a chamar-se oficialmente - Praça Dom Pedro II. Todavia, foi só no papel, porque o povo continuou a chamá-la Praça da Matriz, como ainda o faz hoje! Não há dúvida que, por todo o século passado e as três primeiras décadas deste, a Praça da Matriz foi o local infatigável dos grandes divertimentos da cidade, como a Festa do Divino, a Bailante e o secular Teatro São Pedro. Os homens, porém, na transitoriedade das coisas mundanas, continuam mudando os dados da vida, como se isso fosse possível. E foi assim que, na madrugada de 15 de novembro de 1889, com a mudança do regime, apressadamente substituíram o nome do Imperador, que fora atribuído ao largo, pelo do ínclito Marechal Deodoro da Fonseca.

**ARY VEIGA SANHUDO EM 1963
(1915-1997)**

O povo, não obstante, parece ignorar o oficialismo do nome mudado e teimosamente continua a chamar o lugar como Praça da Matriz” (SANHUDO, Ary, 1975, p. 253).

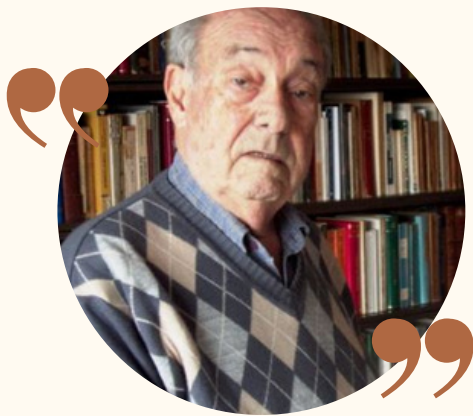
SANHUDO, Ary Veiga. **Porto Alegre:** crônicas da minha cidade, v. 2. Porto Alegre: Editora Movimento, Instituto Estadual do Livro, 1975.



FRANCISCO RIOPARDENSE DE MACEDO (1921-2007)

“E a praça? A praça para as festas religiosas, para o povo se reunir, para receber os órgãos públicos? Foi ainda neste século [XVIII] que ela surgiu e surgiria no único lugar que as restrições de relevo permitiriam. Na parte mais alta, desde a rua Marechal Floriano em direção à ponta da península e que, ao mesmo tempo, contasse com maior declividade na direção norte, permitindo, portanto, nesta direção, um largo para muitas visuais na direção do grande rio que condicionara a cidade. Só poderia ser na área para onde o Frei Faustino transferira o cemitério em 1752; o Alto da Praia. Ali é lançada a pedra fundamental da futura Matriz da Nossa Senhora da Madre de Deus, em 1772, substituindo a primitiva capela de São Francisco das Chagas. Ocupando assim o solo, surgiria a cidade. Fixada a praça, pulsaria o seu coração”. (p. 67-68)

MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre:** origem e crescimento. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1999.

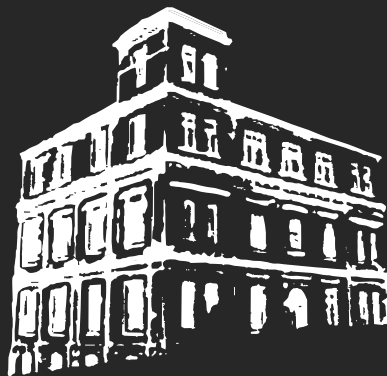


**SÉRGIO DA COSTA FRANCO
(1926) EM 2000**

“No fim do século passado, o quadro estava completo em torno da ágora: os três poderes, mais o teatro e um centro de diversões, a Catedral e a capela do Divino Espírito Santo, compunham o conjunto ideal de um centro de convívio cívico, presentes o Estado, o lazer, a cultura e a religião no mesmo espaço urbano. Tal circunstância faria do primitivo Largo do Palácio, Largo da Igreja, ou largo e Praça da Matriz, o principal ponto de encontro dos porto-alegrenses, local predileto de suas grandes festas, de suas concentrações religiosas, paradas militares e protestos políticos. Neste sentido, a praça Dom Pedro II - nome que recebeu em 1865, ainda antes de ser ajardinada, depois evoluindo para Praça Marechal Deodoro sem jamais ter perdido o apelido original - foi o cenário maior da comunidade porto-alegrense” (FRANCO, 2000,p. 142).

FRANCO, Sérgio da Costa. **Gente e espaços de Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2000.

MEMORIAL



DO MINISTÉRIO
PÚBLICO
